

OLHARES SOB “NA MINHA PELE”

Andreza Oliveira Rocha (UNEB)

andrezaoliveira5449@gmail.com

Marcos Aurélio Souza(UNEB)

marcosuesb@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a recepção do texto “Na minha pele” (2017), escrito por Lázaro Ramos, a partir dos comentários avaliativos da plataforma de compras Amazon.com, a fim de investigar a aproximação e o distanciamento dos leitores mediante a discussão racial. Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, embasada por estudos bibliográficos, autores como Jonathan D. Culler (1997) são basilares para essa discussão, na medida em que se considera ler como negro um processo de construção a partir de leitura não hegemônica, bem como ler como mulher, que é a proposta levantada pelo autor. Além dele, a abordagem de Hans Robert Jauss (2011) sobre o cruzamento do horizonte de expectativas entre texto e leitor também fundamentam esse trabalho, junto com Djamilia Ribeiro (2017) e Chimamanda Adichie (2019) com estudos em torno da negritude. O processo de leitura de uma narrativa escrita por um homem negro reconhecido por seus trabalhos na mídia torna-se uma proposta convidativa à leitura como negro, todavia, ao problematizar episódios de racismo, alguns leitores demonstram se aproximar e defender a pauta, enquanto outros, refletem o quanto abordar o racismo no Brasil ainda é uma questão sensível e estranha para muitos.

Palavras-chave:

Leitor. Negritude. Lázaro Ramos.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the reception of the text “Na minha pele” (2017), written by Lázaro Ramos, from the evaluative comments of the Amazon.com shopping platform, in order to investigate the closeness and distance of readers through the racial discussion. As this is a qualitative research, based on bibliographic studies, authors such as Jonathan D. Culler (1997) are essential to this discussion, in so far as reading as black is considered a process of construction from a non-hegemonic reading, as well as reading as a woman, which is the proposal raised by the author. In addition to him, Hans Robert Jauss’s (2011) approach to the intersection of the horizon of expectations between text and reader also ground this work, along with Djamilia Ribeiro (2017) and Chimamanda Adichie (2019) with studies around blackness. The process of reading a narrative written by a black man recognized for his work in the media becomes an inviting proposal to read as black, however, when problematizing episodes of racism, some readers demonstrate to approach and defend the agenda, while others reflect how addressing racism in Brazil is still a sensitive and strange issue for many.

Keywords:

Reader. Negritude. Lázaro Ramos.

1. Na introdução da leitura

*Por que vocês não enxergam?
Por que vocês não escutam?
Por que não tem interesse em nos escutar?
(Lázaro Ramos)*

As tessituras que compõem a pluralidade de leitores dialogam com a múltiplas identidades dos indivíduos na sociedade. Roland Barthes, em *A Morte do Autor* (1984), sugere que os discursos de uma narrativa, sustentados mediante a linguagem, tomam sentido e forma na figura do leitor. Assim, considerando o texto “Na minha pele” (2017) como objeto de estudo para essa discussão, torna-se singular um olhar direcionado à recepção do livro, visto que, “a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino” (BARTHES, 1984, p. 64).

Para isso, os comentários avaliativos de clientes que compraram o livro “Na minha pele” na plataforma digital de compras da *Amazon.com.br* serão utilizados como fonte de dados. Apesar do intuito principal dos comentários ser a avaliação do serviço de atendimento, grande parte das falas giram em torno da avaliação do conteúdo proposto pelo texto e sobre o autor.

A obra em questão trata-se de uma narrativa escrita pelo ator, diretor e escritor, Luís Lázaro Sacramento Ramos, e, apesar da tentativa de não construir uma autobiografia, o texto apresenta características que dialogam com a escrita de si, desde o próprio título – “Na minha pele” – acompanhado de uma fotografia em meia face do autor, o desfecho, em que Ramos apresenta ao leitor algumas histórias de sua vida pessoal, com a infância na Ilha do Paty, na Bahia, até a construção da sua carreira como ator. Na obra, a história de vida do autor apresenta-se como elemento nortador para abordar episódios de preconceito, de enfrentamento do racismo estrutural, e sobretudo, do seu processo de construção identitária enquanto homem negro.

E é justamente sob essa ótica que os comentários coadunam com a reflexão em torno da possibilidade de ler como negro. Num cenário social, cultural, econômico e político de atritos ideológicos em evidência, os leitores passam por um olhar em torno da negritude, na medida em que vestem, ou não, a pele de um homem negro que escreve um texto para falar da negritude a partir de suas próprias experiências.

2. Lendo como negro

Pensar num leitor que lê como negro decorre a construção da identidade desse indivíduo enquanto pertencente ou não à hegemonia. Na medida em que as identidades dos sujeitos são influenciadas por uma conjuntura sócio-histórica, cultural e política, ler como negro era algo impensável por muito tempo, e, ainda hoje, traz consigo processos árduos de ressignificação de uma ideia de inferiorização em torno da negritude.

Ao abordar especialmente a identidade negra, cabe considerar que ela não é uma identidade fixa, assim como as identidades hegemônicas, mas, sobretudo, está atrelada a um imaginário construído sob o olhar do outro, um outro que detém poder social e econômico, e que, na medida em que possui autoridade sobre as instâncias de poder, também domina as concepções de leitura, tanto no espaço escolar, quanto nos textos, literários e não literários.

Ao longo da história, a identidade negra esteve atrelada a animalização, ao passo que o corpo negro carregou consigo o imaginário social de um corpo abjetificado, como ferramenta para o trabalho braçal. Com a abolição do sistema escravocrata e as teorias raciais que impuseram o ideal de mestiçagem como necessário para alcançar-se a branquitude, o negro continuou sendo visto como inferior, desprovido de cidadania e, sobretudo, de capacidade intelectual e cultural para compor uma organização social. Logo, o caminho para construir uma nação ideal perpassava pelo embranquecimento.

Desse modo, afirmar a identidade negra numa sociedade que não promoveu políticas de reparação das lacunas sociais deixadas pela escravização tornou-se uma tarefa espinhosa, marcada por processos de luta e de resistência para a desconstrução dos estereótipos acerca da negritude. Embora os movimentos contra o racismo sejam necessários, a ressignificação dessa identidade, que outrora, esteve atrelada à negatividade passa, sobretudo, pelo rompimento com ideias de inferioridade. Para isso, a potencialização da história, da cultura negra e de símbolos atrelados à negritude, são elementos singulares no processo.

Aqui, o texto “Na minha pele” possibilita olhares em torno de histórias múltiplas que circundam o imaginário social sobre as pessoas negras. Em *O perigo de uma história única* (2019), a escritora Chimamanda Adichie apresenta uma discussão em torno do imaginário social pré-concebido de nações e etnias, contada apenas por uma perspectiva. Quando se trata da identidade negra, o perigo de uma história única que

não concebe a multiplicidade dos sujeitos que a compõem, acarreta no silenciamento dessa pluralidade, além de nutrir estereótipos. “O problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos (...) a consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas.” (ADICHIE, 2019, p. 26/27).

Destarte, ler como negro é fruto de uma construção social de resistência às formas de leitura que foram estabelecidas como dominantes e construídas à luz da hegemonia – branco, elitizado, homem e heterossexual, ao passo que esse mesmo modelo refletiu nas construções de leitores, autores e de personagens. Desse modo, pensar num indivíduo que ler como negro é pensar num indivíduo que não ler como branco, na tentativa de romper com padrões pré-estabelecidos, na medida em que toma consciência da história de sobrevivência dos negros, para pensar as relações de subalternização ainda vigentes.

Jonathan Culler, em *Sobre a Desconstrução* (1997) apresenta um estudo sobre “ler como mulher”, e apesar das discussões deste trabalho não abordarem especialmente o feminino, ler como mulher também é uma construção do sujeito enquanto pertencente ao gênero, que se difere de ler como um homem, ao passo que, elas foram culturalmente conduzidas para atenderem aos padrões de uma “mulher ideal”, silenciando a condição feminina a partir de uma experiência de leitura predominantemente masculina.

Logo, ler como negro abarca questões tão complexas quanto, visto que o sujeito é ensinando a ler como não negro, e aprende a ler como negro na medida em que concebe a identidade negra como parte significativa das identidades que compõem a sociedade. Ler como negro, assim como ler como mulher, é uma tentativa de romper com a leitura hegemônica dominante.

Junto à isso, os estudos de recepção de Hans Jauss em *A Estética da Recepção: Colocações Gerais* (2011) serão norteadores para a compreensão dos horizontes entre o leitor e o texto. Para ele, a relação do leitor com o texto é atravessado pela temporalidade do leitor e suas experiências, e pela relação do texto com o tempo histórico no qual os discursos foram construídos. Assim, a comunicação literária é o meio pelo qual o horizonte de expectativas do texto e as experiências do leitor se cruzam, o que pode ou não acontecer no processo de leitura. A percepção do cruzamento desses horizontes é significativa para observar como os leitores

res de “Na minha pele” acolhem ou não a discussão racial levantada no texto.

Visto que a construção de um olhar sensível à negritude perpassa pela construção social do que é ser negro – desde a consciência que o sujeito toma de si, de sua condição enquanto indivíduo pertencente a um dado grupo social, inserido em uma memória cultural, cultivada pelos seus ancestrais – cabe aqui demarcar que, a consciência da construção desse indivíduo como negro, e que, ao ler como negro toma posse de uma significância de si, não está moldada, pois foi negada por muito tempo ao longo da história, e ainda hoje é negada pela predominância de escritos e olhares não negros.

A exemplo, a literatura e a mídia sustentaram uma gama de personagens negros como subalternos, ou na condição de escravizados, ou, como amigos dos protagonistas, ou como indivíduos marginalizados. Cabe aqui apresentar o título de alguns clássicos como “Meu tio matou um cara” (2002), “Cidade de Deus” (1997), “Reinações de Narizinho” (1931) e “Sinhá moça” (1950). As obras citadas foram adaptadas para a TV, em filmes, série, e telenovela, respectivamente. O problema em torno dessas abordagens, é que constitui e alimenta valores negativos associados à negritude, e isso se perpetua no imaginário social ao longo do tempo.

Retomando Barthes (*Image, Music, Text*, p. 146, 148 *apud* CULLER, 1997, p. 41), “o texto é uma tessitura de citações tomada de inúmeros centros da cultura”, logo, ao considerar essa pluralidade, não somente o indivíduo negro ler como negro, o leitor não negro também assume a possibilidade de ler como negro, na medida em que toma consciência de seus privilégios e assume a pauta da negritude, não como forma de representação, mas como forma de apoio e de revisitação dos privilégios.

3. “Na minha pele” – um estudo de recepção

A fim de propor um estudo sobre a recepção do texto “Na minha pele”, as avaliações dos clientes que compraram o livro pela plataforma da Amazon serão norteadoras para se pensar em que medida os leitores constroem suas opiniões a partir de um olhar em torno da negritude, especialmente, como os leitores leem como negro.

A plataforma de compras da Amazon, de origem norte-americana, detém hoje no Brasil, um monopólio perante o mercado editorial, haja

vista o extenso catálogo bibliográfico, disponíveis à baixo custo, se comparada com outras editoras. O crescimento da plataforma, que hoje fornece uma variedade de produtos, intensificou a crise do mercado editorial brasileiro, de acordo com Ana Paula Simonaci, em *A Amazon e o declínio do mercado editorial brasileiro* (2020). Segundo ela,

A questão do livro no Brasil é urgente, desde o autor até a editora e as livrarias, o formato precisa ser ajustado entre os pares para não se render ao monopólio bilionário da Amazon, que cresce às custas do trabalho de profissionais sérios que estão pensando a cultura e a literatura brasileira. (SIMONACI, 2020, s/p)

Considerando a crise do mercado editorial, atender ao interesse do leitor tornou-se uma questão latente, sobretudo, por meio do entretenimento. É por esse viés que alguns comentários são construídos em torno do texto de Ramos, haja vista o interesse do público em conhecer a vida pessoal de uma figura midiática.

Camila Souto

5,0 de 5 estrelas Livro extremamente sensível. Recomendo!

Avaliado no Brasil em 27 de novembro de 2017

Já admirava Lázaro como ator, mas com esse livro, ele se revela, antes demais nada, um ser humano extremamente sensível, consciente, guerreiro [...]

Regiane Sá

5,0 de 5 estrelas Grande Lázaro

Avaliado no Brasil em 10 de dezembro de 2018

Se eu já era fã do Lázaro antes fiquei ainda mais depois de ler seu livro que conta a história de sua vida. [...]

Até 06/03/2021, o livro conta com 756 avaliações na plataforma, sendo 88% dos comentários avaliados com 5 estrelas - 5, a melhor avaliação, e 1 estrela a pior avaliação. A predominância de uma avaliação positiva está associada aos comentários que tangenciam a sentimentalidade do leitor. Culler (1997, p. 49) aborda a afetividade dos leitores na medida em que apresenta reflexões em torno do quanto, ao longo do tempo, a criticidade foi ocupando o lugar das “lágrimas ou pruridos”, ao passo que, a experiência de leitor tornou-se atrelada à experiência de interpretação.

Nas avaliações dos clientes, comentários como “boa leitura” e um “livro tão verdadeiro, tão cheio de sentimentos”, são frequentes:

Ana Ibiapina

5,0 de 5 estrelas Um tapa na cara!

Avaliado no Brasil em 20 de junho de 2018

Nunca gostei de autoajuda e biografias. Mas eu li um comentário de um amigo sobre o “Na minha pele” e não resisti. O livro é bom, fala do início

da carreira dele, ele narra como é ser vítima de preconceito racial, da dificuldade em ser negro no Brasil e sobre educar os filhos, João e Maria, nesse contexto. Apesar ser uma crítica social têm uma pegada levemente cômica. Empoderamento, novas vozes, sororidade, tudo isso com uma abordagem que nos atinge a alma.

Thaís Cristina

5,0 de 5 estrelas Sorri... Chorei... Ri dinovo... Mas me peguei chorando!

Avaliado no Brasil em 2 de agosto de 2020

Vestir essa pele, a nossa pele é uma viagem entre risos e choros, o diálogo que o Lázaro tem com o leitor nos dá uma sensação de intimidade e acolhimento, li o livro inteiro em 3 dias e o único defeito é q ele acaba rs tu sente as emoções que ele sentiu ao escrever, qndo conversa com sua mãe, qndo retrata as nossas vivências, nossas realidades são tão diferentes mas ao msm tempo tão iguais, a conexão que sentimos é inexplicável! Gratidão meu irmão, mto axé p nossa caminhada! Que Oxalá abençoe!

Além das entrelinhas dos comentários, a discussão racial é abordada em quase todas as avaliações. Desde comentários mais sutis, apenas avaliando a qualidade da abordagem como “reflexão necessária” e “indispensável”, até comentários elaborados, que fazem uma contextualização sócio-histórica brasileira no qual o livro foi construído.

Christianne Callado de Souza

5,0 de 5 estrelas Convite ao incômodo

Avaliado no Brasil em 12 de dezembro de 2018

Em outubro de 2007, ganhavam corpo no Brasil as chamadas políticas sociais afirmativas, como as cotas raciais nas universidades públicas, embora ainda provocassem ardorosas polêmicas. Naquele ano, nos EUA, o então senador Barack Obama começava uma vitoriosa caminhada que o levaria a ser o primeiro negro a ocupar a Casa Branca. Em 2017, ao sair Obama, após dois mandatos, uma onda ultradireitista varreu os Estados Unidos e trouxe Donald Trump, considerado a perfeita encarnação da supremacia branca, rica e conservadora. E, no Brasil de 2017, começava a gestação de políticos de direita comprometidos com uma estranha revisão de direitos e políticas afirmativas. “É muito mimimi”, diziam. [...]

Todavia, ao passo que os comentários bem avaliados elogiam a forma como o autor aborda os tensionamentos acerca do racismo a partir da sua subjetividade, os comentários negativos, apesar de constituírem menos de 15%¹⁸⁵ da avaliação, giram em torno da mesma vertente – a

¹⁸⁵ 8% em 4 estrelas, 3% em 3 estrelas, 1% em 2, e 1% com uma estrela. De acordo com a plataforma, “Para calcular a classificação geral de estrelas e a análise percentual por estrela, não usamos uma média simples. Em vez disso, nosso sistema considera coisas como se uma avaliação é recente e se o avaliador comprou o item na Amazon. Ele também analisa avaliações para verificar a confiabilidade.” (Disponível em: https://www.amazon.com.br/Na-minha-pele-L%C3%A1zaro-Ramosebook/dp/B073HQPW2X/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&k

forma como o autor aborda o racismo mediante sua própria experiência, com ênfase no enfrentamento do racismo, não necessariamente, atribuindo a autobiografia, um espaço de maior destaque na narrativa.

João Marcelo Caneschi

3,0 de 5 estrelas Bom livro mas esperava mais

Avaliado no Brasil em 28 de setembro de 2017

Esperava que o livro falasse mais sobre a biografia de Lázaro e um pouco menos da questão racial. Não que esta questão seja menos importante, mas sim porque acaba sendo muito pouco falado de sua trajetória profissional, pela qual tenho uma grande curiosidade e admiração.

Nesse ponto, cabe destacar em que medida a negritude e a personalidade do indivíduo estão atrelados. Lázaro Ramos, enquanto homem negro que constrói sua identidade atravessado pelas questões raciais, inevitavelmente, aborda essa discussão em um texto marcado pela escrita de si. Ao passo que o processo identitário advém da subjetividade do sujeito, apresentar a negritude como um elemento preponderante em sua escrita dialoga com a personalidade desse indivíduo, haja vista que as questões raciais são indissociável à sua experiência.

O apagamento da cor, no discurso de um autor que se afirma enquanto negro e que é militante na pauta racial, é algo inimaginável. Cabe aqui destacar o quanto a personalidade e a escrita estão atreladas a cor, ao retomar, por exemplo, um dos cânones da literatura nacional, Machado de Assis que, apesar de ter denunciado em sua escrita as barbáries da escravidão, não se autodeclarou negro mesmo com seus escritos que criticavam os estereótipos atrelados à negritude. É notório que o tempo em que o autor escreveu atravessa esse processo de afirmação, todavia, a historiografia literária tradicional contribuiu para o apagamento da cor de Machado, a ponto de, na contemporaneidade, muitos leitores ainda não terem conhecimento de sua cor. Tratando-se de um escritor como Lázaro Ramos, tal apagamento ou desassociação da cor com a escrita autobiográfica não é algo possível, nem desejável para ele.

Fernanda Abreu

3,0 de 5 estrelas Meio chatinho...

Avaliado no Brasil em 6 de outubro de 2018

O livro, como o autor faz questão de frisar, não pretende ser uma autobiografia.

Ele conta um pouco de sua vida, mas sempre com o foco nos episódios de racismo – explícito ou velado – que involuntariamente protagonizou.

Acho que o tema merece realmente ser discutido, e o livro até dá uns “to-

ques” interessantes no leitor. Mas – e aí me desculpem o trocadilho –, talvez por não estar na pele de um negro, achei a leitura meio chatinha.

O comentário supracitado evidencia que, apesar do leitor considerar um olhar em torno da negritude, não necessariamente lê como negro. É o que Cuti discute em *O Leitor e o Texto Afro-brasileiro* (2012) em que, o leitor, que frequentemente leu sobre o negro sob a ótica da branquitude, tem a possibilidade de identificar-se com a literatura por meio dos autores negros, que, ao escrevem sobre as questões atreladas a cor, geram condições de “desidealizar o negro e o branco” (CUTI, 2012, [s/p]).

Nesse sentido, o comentário da leitora que afirma “não estar na pele de um negro”, e por isso, não se reconhece na abordagem feita pelo autor, enfatiza que ler como negro é uma construção social embasada na construção da identidade do indivíduo leitor. Logo, o leitor branco não se identifica na leitura de um texto que traz o negro como protagonista, e, quando isso acontece, assume o papel do outro, do colonizador, não do protagonista da narrativa.

Retomando Cuti (2012, [s/p]), a literatura possibilita a experiência da pessoa negra ao leitor que sempre leu como branco. É o que o autor chama de “despojar-se da brancura para experimentar a subjetividade negra”. Todavia, nem sempre essa experimentação acontece de modo empático, o que demonstra o estranhamento e a não aceitação do texto.

Alguns comentários demonstram ainda, o sentimento de frustração, ao passo que, ansiavam por outra abordagem. Apesar de reconhecerem a importância da discussão proposta pelo autor, as avaliações também demonstram a ausência de uma relação sensível com a pauta, na medida em que, salientam a existência do racismo, mas, distanciam-se da causa e não contribuem para o combate.

Evandro Lino

4,0 de 5 estrelas Na minha pele

Avaliado no Brasil em 19 de julho de 2017

Comprei o livro por admirá-lo como ator, mas senti que o livro faltou algo que não sei dizer. De qq forma valeu a experiência. Muitas das situações citadas são muito comuns, infelizmente.

ALINE BRANDAO

4,0 de 5 estrelas Bom

Avaliado no Brasil em 12 de agosto de 2018

Esperava mais, por ser de alguém com tanta inteligência ...mas o livro não me surpreendeu. Apenas afirma o que já sabemos e vivenciamos no dia a dia de nossa sociedade. Interessante leitura, vale apenas.

Comentários como os acima descritos reforçam a ideia de silenciamento dos processos de discriminação, ao passo que, a dificuldade em abordar o racismo e preconceito no Brasil estrutura-se na ausência dessas experiências nos discursos sociais. De acordo com Pinto e Ferreira (2014), “falar de raça no Brasil não faz sentido para a maioria das pessoas, pois não faz parte da boa linguagem e nem é considerado educado” (p. 260). Destarte, ler como negro torna-se um processo árduo, na medida em que, apesar de conscientes do racismo estrutural, nada se faz a respeito.

Enquanto isso, os comentários avaliados com 1 estrela apontam uma ideia de manipulação discursiva por meio do autor, que, na medida em que conta sua história, impõe um discurso militante sobre o racismo cotidiano, o que, segundo alguns leitores, não é algo tão bem avaliado.

Maycon Douglas

1,0 de 5 estrelas Muito vitimismo

Avaliado no Brasil em 28 de junho de 2017

Não contou nada de diferente do que já sabemos. Claro que racismo não é uma coisa legal, porém o "autor" se vitimiza demais, jamais recomendaria um livro desse para alguém.

Kmarada

1,0 de 5 estrelas Fraco

Avaliado no Brasil em 1 de janeiro de 2021

Livro tendencioso. Não traz uma visão, quer impor uma visão.

Ellminster

1,0 de 5 estrelas Livro medíocre. Vitimização total !

Avaliado no Brasil em 19 de julho de 2017

Livro ridículo !O autor fica se vitimizando o tempo todo. Típica política de minorias que só serve para aumentar ainda mais o racismo...

Os comentários que trazem o uso da expressão “vitimismo” dialogam com um movimento de inferiorização das lutas sociais por equiparação das desigualdades. Expressões como “mimimi” também são utilizadas para referir-se a pessoas que buscam, de alguma forma, serem beneficiadas através do discurso do racismo. Todavia, na medida em que indivíduos não negros não vivenciam experiências de exclusão e de inferiorização atrelados aos fenótipos negros, o discurso da vitimização cai por terra, pois não reconhece a memória histórica, nem parte de uma perspectiva vivenciada. Junto a isso, reflete as ideologias dos mais favorecidos, bem como dos seus pares. Djamilia Ribeiro em *O que é Lugar de Fala?* (2017) diz que “o lugar social não determina uma consciência discursiva

sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas.” (p. 71).

Diego

1,0 de 5 estrelas Livro muito tendencioso

Avaliado no Brasil em 29 de setembro de 2018

Livro muito tendencioso, nada diferente do que pregam os atores dos dias de hoje... Narrativas que pregam a segregação de nossa sociedade.

Na avaliação que problematiza a ideia de segregação racial é possível inferir os vestígios dos discursos de coadunam com as teorias raciais impostas no período pós-abolição, considerando que, o processo de miscigenação constituiria uma identidade nacional apropriada a uma organização social, haja vista a distinção étnica e racial da sociedade brasileira, para as civilizações europeias. Entretanto, a ideia da mestiçagem silencia as lacunas sociais deixadas pela escravização, e, sobretudo, evidenciam a desigualdade social, na medida em que não reconhece que “partimos de lugares diferentes” (RIBEIRO, 2017, p. 53).

Amazon Customer

1,0 de 5 estrelas Muito ruim, vitimista

Avaliado no Brasil em 30 de dezembro de 2017

Péssimo, vitimista é aproveitador. Não gaste seu dinheiro com isso. Me arrependi. O cara é um aproveitador, não é sério... Triste, gostava dele como ator...

Cabe aqui destacar que, não ser negro não é um empecilho para que o leitor leia como negro, pois a consciência social e histórica é passível a todos. Desse modo, os comentários que apresentam elogios à abordagem de Lázaro Ramos demonstram leitores que leem como negro, na medida em que vestem a pele do autor para pensar acerca das problematizações raciais no Brasil, refletidas pelo cruzamento das expectativas do texto e das experiências do leitor, retomando Jauss(2011). Em contrapartida, nem sempre esses horizontes se cruzam, na medida em que a abordagem do texto é destoante da realidade na qual o leitor se insere, das experiências do indivíduo enquanto leitor, e enquanto sujeito social.

4. Considerações finais

O texto “Na minha pele”, pela própria organização do título, até a capa que traz o rosto do autor com expressão de seriedade e olhar direto para o leitor, ressoa como um convite a ouvir o que a pele negra vivencia no Brasil, que a pele não negra, não vivencia. É sabido que Lázaro Ramos fala de um lugar de privilégio, como ele mesmo descreve na narrati-

va: “Sou uma exceção, e história de exceção só confirma a regra.” (RAMOS, 2017, p. 11). Mas, observar como esse discurso chega a alguns leitores reflete o quanto o racismo no Brasil ainda é um assunto sensível à discussão, desde muitos leitores que reforçam a importância da abordagem, até os leitores que não receberam o texto de forma tão positiva.

Lázaro Ramos enquanto escritor trata-se de um autor múltiplo, que também é ator, diretor, apresentador, cineasta, e é reconhecido midiaticamente, visto que, as imagens desse sujeito são indissociáveis. Apesar de Ramos ainda ser o ator negro de maior representatividade na telenovela, por meio da sua escrita, ele faz do texto uma estratégia para narrar a sua história, enquanto homem negro que lê e escreve como negro. Logo, os discursos que perpassam o texto “Na minha pele”, são intencionalmente construídos, a fim de tensionar e de denunciar episódios de racismo no Brasil, nas palavras de um homem negro que é reconhecido pela população brasileira, que, alcançou esse espaço de visibilidade como ator, e que, por isso, tem um lugar de escuta significativo.

Ler como negro um texto escrito por um homem negro é uma abordagem que traz prós e contras. Os comentários positivos, que elogiam a escrita de Ramos representam leitores que direcionaram à narrativa um olhar a partir de uma leitura como negro, seja por identificação, seja por empatia e consciência das lacunas sociais. Em contrapartida, os comentários com avaliações menos positiva apresentam formas de leitura em que predominam um olhar hegemônico e um modelo eurocêntrico de sociedade, em que grupos são favorecidos, enquanto outros são discriminados e regularmente silenciados.

Na medida em que Ramos convida o leitor a ler “Na minha pele”, ele também evoca uma “leitura como negro”, ao passo que, vestir a pele negra torna-se uma possibilidade de sensibilização mediante o cruzamento dos horizontes do texto e do leitor. Enquanto isso, problematizar o racismo é tangente a tantas questões sociais que ainda não foram sanadas e que tampouco serão mediante a ausência de políticas públicas que almejem a equiparação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Trad. de Júlia Romeu. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BARTHES, Roland. A morte do autor. BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. de Antonio Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1984.

CULLER, Jonathan D. Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo. Trad. de Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

CUTI, Luís Silva. *O Leitor e o Texto Afro-brasileiro*. Vinteculturasociedade uma perspectiva negra, 2012. Disponível em: <https://vinteculturasociedade.wordpress.com/2012/11/22/o-leitor-e-o-texto-afro-brasileiro/>. Acesso em: 03, mar. 2021.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: Colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. rev. e ampliada Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

PINTO, Márcia Cristina Costa. FERREIRA, Ricardo Franklin. *Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra*. Pesquisas e Práticas Psicossociais – PPP – 9 (2), São João del-Rei, julho/dezembro/ 2014.

RAMOS, Lázaro. *Na minha pele*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

SIMONACI, Ana Paula. *A Amazon e o declínio do mercado editorial brasileiro*. Revista Rosa, 1ª série, nº 2, setembro/2020. Disponível em <http://revistarosa.com/2/a-amazon-e-o-declinio-do-mercado-editorial-brasileiro>. Acesso em: 13 jan. 2021.

Outra fonte:

Na Minha Pele. Amazon.com.br. 2017. Disponível em https://www.amazon.com.br/Na-minha-pele-L%C3%A1zaro-Ramos-ebook/dp/B073HQPW2X/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=na+minha+pele&qid=1610112238&s=digital-text&sr=1-1#customerReviews. Acesso em: 06mar. 2020.